



MESTRE JUCA: SABERES E FAZERES DE UM ANCIÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO CHUMBO, EM POCONÉ (MT)

MESTRE JUCA: KNOWLEDGE AND DOINGS OF A QUILOMBOLA ELDER FROM THE CHUMBO COMMUNITY, IN POCONÉ (MT)

MESTRE JUCA: SABERES Y HACERES DE UN ANCIANO QUILOMBOLA DE LA COMUNIDAD CHUMBO, EN POCONÉ (MT)

Ronaldo Eustáquio Feitoza

Senra



Doutor em Educação (UFMT)
Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEEn/IFMT)

ronaldo.senra@ifmt.edu.br

Marinete de Almeida Lima e Silva



Mestranda em Ensino pelo IFMT/Cuiabá
Professora da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso (Seduc/MT) e da Secretaria Municipal de Poconé/MT

marinetelima678@gmail.com

Resumo

Este artigo traz em evidência os saberes quilombolas do Mestre Juca na fabricação de artesanatos na comunidade do Chumbo, situada em Poconé (MT), com o objetivo de mostrar que o povo negro quilombola resistiu, desenvolveu e continua desenvolvendo diferentes atividades para a sobrevivência e continuidade de seu povo, de sua história e de sua cultura. Na busca por alcançar tais objetivos, foi utilizada a pesquisa qualitativa, com metodologia de narrativas, mediante a realização de entrevistas abertas. Os resultados sinalizaram que o Mestre Juca é uma referência de saberes quilombolas presentes na comunidade do Chumbo. Diante de tais negações, foi preciso criar uma rede de saberes para que o Mestre Juca fosse conhecido e valorizado, cujos fatores fazem dele referência dentro e fora do quilombo.

Palavras-chave: Saberes. Fazeres. Quilombo do Chumbo.

Recebido em: 1 de agosto de 2022.

Aprovado em: 1 de dezembro de 2022.

Como citar esse artigo (ABNT):

SENRA, Ronaldo Eustáquio Feitoza; SILVA, Marinete de Almeida Lima e. Mestre Juca: saberes e fazeres de um ancião quilombola da comunidade do Chumbo, em Poconé (MT).

Revista Prática Docente, v. 7, n. Especial Humanas, e22107, 2022.

<http://doi.org/10.23926/RPD.2022.v7.nEspecial.e22107.id1764>



Abstract

This article highlights the quilombola knowledge of Mestre Juca in the manufacture of handicrafts in the community of Chumbo, located in Poconé (MT), with the aim of showing that the black quilombola people resisted, developed, and continue to develop different activities for the survival and continuity of their people, their history, and their culture. In the quest to reach these goals, qualitative research was used, with narrative methodology, by means of open interviews. The results showed that Mestre Juca is a reference of quilombola knowledge present in the community of Chumbo. In face of such denials, it was necessary to create a network of knowledge for Mestre Juca to be known and valued, whose factors make him a reference inside and outside the quilombo.

Keywords: Knowledge. Doings. Quilombo do Chumbo.

Resumen

Este artículo destaca el saber quilombola del Mestre Juca en la elaboración de artesanías en la comunidad de Chumbo, ubicada en Poconé (MT), con el objetivo de mostrar que el pueblo negro quilombola resistió, desarrolló y sigue desarrollando diferentes actividades para la sobrevivencia y continuidad. de su gente, su historia y su cultura. En la búsqueda de alcanzar estos objetivos, se utilizó una investigación cualitativa, con una metodología narrativa, a través de entrevistas abiertas. Los resultados indicaron que Mestre Juca es un referente del saber quilombola presente en la comunidad chumbo. Ante tales negaciones, fue necesario crear una red de saberes para que se conociera y valorase al Mestre Juca, cuyos factores lo convierten en un referente dentro y fuera del quilombo.

Palabras clave: Conocimiento. Hacer. Quilombo de Chumbo.



1 INTRODUÇÃO

Estudos apontam que o crescimento do número de pesquisas na área da antropologia, biologia, sociologia, linguagem etc., na contemporaneidade, tem se mostrado significativo. Dentro dessas áreas, as comunidades do campo, tais como: indígenas, quilombolas, entre outras, são objetos de estudo potenciais por trazerem, em suas histórias de existência, diversos saberes que ficaram ocultos devido ao processo de colonização ocorrido no Brasil, que superiorizava a cultura branca europeia e inferiorizava as demais culturas.

Contudo, apesar de toda a negação, esses povos continuaram produzindo conhecimento, repassando para os mais jovens e resistindo até hoje. Nesse sentido, Neto (2016) considera que os saberes tradicionais quilombolas são vastos em decorrência da rica cultura preservada ao longo de várias gerações, que contribuem tanto para a preservação do meio ambiente quanto para o desenvolvimento das diversas áreas científicas.

As especificidades assim como as formas de produção e de viver nas comunidades quilombolas são entendidas por Neto (2016, p. 21) como:

Traços que as distinguem das demais populações rurais e de outras comunidades afrodescendentes é a presença de uma cultura baseada em saberes tradicionais, que remontam a seus antepassados africanos escravizados no Brasil e seus descendentes, e ainda a acirrada luta pela sobrevivência, pois, na maioria das vezes, são comunidades pobres, com poucos recursos financeiros e sociais, fato que as colocam, muitas vezes, à margem dos interesses das demais esferas da sociedade.

Nessa perspectiva, entende-se que os saberes quilombolas ultrapassam gerações e se mostram como uma das fortes ferramentas que os povos quilombolas utilizaram para continuarem (re)existindo. Nesse mesmo viés, ao realizar estudos sobre os saberes tradicionais na pesca artesanal, Saldanha e Lara (2015) observaram uma linguagem particular entre o grupo, uma maneira própria de lidar com esses conhecimentos herdados de seus antepassados e compartilhados nas experiências vividas cotidianamente.

Partindo desse pressuposto, este artigo foi desenvolvido com o objetivo principal de evidenciar os saberes tradicionais quilombolas nos fazeres artesanais de Mestre Juca, já que eles estiveram e continuam presentes na comunidade como forma de resistência e de luta para a continuidade da história desse povo. Ressalta-se que a palavra mestre aqui usada não tem relação com a formação escolar, mas com os saberes construídos nas vivências cotidianas da comunidade. Essa concepção advém das ideias pensadas por Carlos Brandão (2003) que afirma que a escola não é o único modelo de educação e muito menos o único lugar onde ela acontece.



Além disso, busca-se também valorizar tais saberes no sentido de não apenas apresentar os diversos conhecimentos, mas também de trazer o protagonista, que é uma pessoa importante e merecedora desse olhar sensível, uma vez que é preciso (re)conhecer e valorizar esses anciões, que ainda continuam ocultos na história de nosso país, apesar de tanto conhecimento e trabalho.

Este trabalho está organizado por tópicos: esta introdução, que apresenta a temática, a problematização e o objetivo que se busca alcançar; o segundo tópico, em que se traz a apresentação do lócus da pesquisa, além da indicação dos procedimentos que foram utilizados para coletar os dados para análise; o terceiro, em que se buscou fazer uma breve apresentação do lócus da pesquisa; o quarto apresenta a contextualização sobre o entendimento quanto aos saberes perpassados, aos seus sentidos e à sua atuação como meio de resistência e luta para a continuidade dos conhecimentos e tradições da comunidade pesquisada; no quinto, são tratadas as narrativas da história de vida e da entrevista realizada com o ancião, buscando interpretar os dados coletados, que é feito no sexto tópico, e, por fim, no último tópico, são tecidas as últimas considerações.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O trabalho foi desenvolvido na perspectiva de uma pesquisa qualitativa, percorrendo o caminho da narrativa, com suportes teóricos de Clandinin e Connelly (2011) por acreditar nesse processo de ir e vir, entre o viver contando história, o reviver e o recontar, sendo que, nessa troca, as mudanças ocorridas nesses processos perpassam o participante e o pesquisador.

Assim, a narrativa aqui trazida “tornou-se um caminho para o entendimento da experiência... nessa perspectiva, as experiências são as histórias que as pessoas vivem” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 27) e revivem na medida em que recontam, porém, nesse reviver as histórias, novos olhares se constroem, podendo também trazer novos horizontes. Diante disso, “As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias” (CLANDININ e CONNELLY, 2011 p. 27).

3 O LÓCUS DA PESQUISA

A partir do art. 68 da Constituição Federal de 1988, as comunidades quilombolas foram validadas e reconhecidas mediante a autoatribuição dos laços de parentesco, da ocupação secular do território, de características das tradições culturais e da ancestralidade. De acordo com o disposto no art. 2º do Decreto n.º 4887/2003:

Art. 2º. Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com



trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (BRASIL, 2003).

Essas foram importantes conquistas dessas populações que sofreram secularmente um forte processo de exclusões sociais. Atualmente, o conceito de quilombo tem ganhado uma nova formulação, levando-se em conta as diversas constituições com que cada um dele se formou. Nas palavras de Neto (2016), o quilombo é uma comunidade de ancestralidade negra, com compartilhamento de território e cultura. E, nesse mesmo viés conceitual, Schmit, Turatti e Carvalho (2002, p. 3) assim escreveram:

Os grupos que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção.

Munanga e Gomes (2016) salientam que muitos pensam o quilombo como um refúgio de escravos e essa é uma ideia distorcida que ainda permanece entre nós. De acordo com os autores (2016, p. 71), “A palavra *Kilombo* é originária da língua banto *Umbundo*” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 71, grifos nossos) e os quilombos do Brasil podem ter inspirações africanas ao se referir a uma associação aberta para todos, pois seu surgimento se deu pela oposição a um regime escravocrata, buscando uma forma diferente para se viver.

A partir dos relatos de Mestre Juca, a comunidade quilombola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, aqui chamada de comunidade do Chumbo, na qual desenvolvemos o presente estudo, foi fundada em 23 de agosto de 1895, a partir da luta e resistência de famílias negras libertas pela alforria. A terra foi adquirida por troca de serviços, sendo que seu precursor foi um negro chamado Manoel Metelo, que havia sido liberto quatro anos após a conquista da Lei Áurea, de 13 de maio de 1888.

Nessa negociação de terras, Manoel e seus familiares prestaram serviços realizando plantios e colheitas de produtos como: arroz, feijão, milho, entre outros, e, durante anos, entregaram esses itens ao fazendeiro — o dono das terras — até conseguirem pagar pelo pedaço de chão para viver.

De acordo com Pereira (2017) e Mendes (2020), o quilombo do Chumbo é certificado pela Fundação Cultural Palmares, desde o ano de 2005, pertence ao município de Poconé (MT), situa-se na Rodovia Adauto Leite, no km 16, e está localizado a 36 quilômetros de Poconé e a



95 quilômetros da capital Cuiabá. Atualmente, estima-se que 300 famílias compõem a comunidade.

O arrimo dessas famílias vem em parte de trabalhos realizados nos garimpos, nas fazendas vizinhas ou em outros municípios, sendo que os trabalhadores locais, em sua maioria, são funcionários públicos da educação ou da saúde municipal, além daqueles que trabalham ou são proprietários dos poucos comércios existentes na localidade, tais como: mercados (5), oficinas (2), bares (4) e lanchonetes (2). Além disso, existem os aposentados e os que se mantêm pelas bolsas dos programas do governo federal.

Ainda de acordo com Mendes (2020), as estruturas das casas da comunidade do Chumbo são de alvenaria, sendo uma grande parte sem reboco, cuja cobertura foi feita com telhas Eternit. Nessas casas, moram, em média, três a cinco pessoas em cada uma delas. Aproximadamente 70% da população trabalha fora da comunidade, em comércios, órgãos públicos, garimpos, fazendas, entre outros. Outras têm, como fonte principal de renda, o programa federal Auxílio Brasil.

4 SABERES: SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

Castilho e Silva (2021) enfatizam sobre as diversas pesquisas que evidenciam os saberes dentro das comunidades quilombolas, os quais, mesmo diante do “processo violento” de dispersão, continuam resguardados em diversas manifestações culturais, nos saberes e nos fazeres próprios de tais comunidade. Nesse viés, verifica-se que a perpetuação desses saberes foi e continua sendo repassada de geração para geração com uma rica bagagem de conhecimentos potentes nas mais diversas amplitudes.

Atualmente, esses conhecimentos ganharam espaço na ciência por autores como Paulo Freire (2011) e Carlos Rodrigues Brandão (2003), que acreditam na educação em uma perspectiva básica de que ela existe onde há relações e de acordo com a necessidade de cada povo. Trata-se de uma educação progressista, que considera todos os saberes como importantes, necessários e que merecem espaço para serem socializados.

Esses saberes são considerados por Moura (2007, p. 7) “como verdadeiros celeiros da tradição africano-brasileira”, pois, a partir daí, os quilombos constroem suas identidades e preservam seus costumes, que foram repassados secularmente dos mais velhos para os mais jovens por meio das histórias e de práticas cotidianas trazidas na memória de um povo.

As atividades artesanais fazem parte desse arcabouço, sendo uma das principais fontes de subsistência para as comunidades tradicionais, que, dentro dessas atividades, abarcam



questões econômicas, geradoras de emprego e renda, além de ser um fator cultural com conteúdo do patrimônio material, na produção de diversos utensílios e objetos, e imaterial, ao produzir conhecimentos diversos (TEIXEIRA et al., 2011; NETO, 2016).

Nas comunidades quilombolas, o conhecimento é construído no cotidiano, de diversas formas, sem que haja uma estruturação engessada, ou seja, ele frui naturalmente por meio de práticas que foram aprendidas nessa mesma relação. Schmitt e Turatti Carvalho (2002, p. 22) sinalizam que:

Estas comunidades buscam preservar o artesanato em palha, madeira, conservam pratos que eram feitos pelos seus ancestrais. Utilizam-se da medicina natural através dos chás, banhos, pomadas de ervas e raízes nativas ou cultivadas pela comunidade. Tanto as mulheres como os homens trabalham na casa de farinha e os mais jovens não dispensam uma partida de futebol, no campo, a novela o jornal na televisão, no entanto, mais importante do que as informações do mundo moderno, tem sido a consciência, cada vez mais forte, da importância da identidade de um povo.

Partindo desse viés, é possível perceber que a ancestralidade está muito presente nas comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas, pois a maneira de falar, de cozinhar, de cuidar da saúde, os hábitos alimentares, entre outros, são marcos de uma maneira única de existir e de fazer cultura. Atualmente, a partir do momento em que se trabalha a importância desses valores, como forma de resistência, esses sujeitos apresentam orgulhosamente as suas artes, por meio de seus fazeres, reconhecendo-se como um sujeito de história, de valores e que merece espaço na sociedade como um todo.

Os saberes, assim como já exposto nas ideias de Schmit, Turatti e Carvalho (2002), é um elemento essencial nas diversas construções das comunidades tradicionais, como é o caso dos quilombos. Nessas práticas, os recursos naturais como madeira, palha, bambu e fibra de bananeira são utilizados para dar forma às mais diferentes construções, que servem, por exemplo, de instrumento de trabalho.

Essa afirmação acerca dos saberes coaduna com o sinalizado por Neto (2016, p. 21–22) de que “um patrimônio cultural quilombola composto de um rico repertório de bens culturais, envolvendo as expressões dos modos de fazer, pensar, sentir, de se relacionar consigo mesmos e com a natureza.”

É importante destacar que a forma de lidar com a natureza, retirando dela a matéria-prima para ser utilizada em seus artesanatos, caracteriza-se de maneira sustentável, ou seja, há um fazer constituído de saber em que a retirada dessa matéria está associada à preocupação com a natureza. Esse conhecimento também foi evidenciado por Neto (2016, p. 29), o qual,



pesquisando as práticas artesanais, a identidade e a cultura nas comunidades quilombolas do Paraná, percebeu que:

Durante o desenvolvimento do trabalho, percebemos que quando uma comunidade negra percebe-se como remanescente de quilombo buscando a compreensão dos elementos identitários que visualiza existir em seu entorno; sendo os mesmos, culturais, sociais, étnicos, de relação com o território, sua trajetória histórica implícita na fala dos mais velhos, redefinindo os espaços e o tempo, então o grupo passa a assumir uma posição de sujeito político.

Nesse mesmo sentido, Castilho e Silva (2022) perceberam a relação existente entre os moradores de Mata Cavalo e o ambiente onde vivem, dando importância à terra a partir de um lugar de ancestralidade, mas, principalmente, de um lugar que precisa de cuidado e respeito. Nessa relação:

[...] busca-se zelar para a manutenção do equilíbrio do meio ambiente. Tudo é feito com profunda sapiência, como por exemplo, a forma de se realizar o plantio na época apropriada, efetuar a colheita, até a retirada de madeira para a construção de casas, de acordo com as fases da lua, temperatura e suas interferências no solo, crescimento e amadurecimentos de plantações etc. Orientados pelos seus exímios saberes etnometeorológicos, etnoastrofísicos na relação com os fenômenos da natureza (Castilho; Silva, 2022, p. 4).

Os artesanatos produzidos pelo Mestre Juca também são oriundos desses mesmos saberes que foram construídos com base nos conhecimentos adquiridos pela observação de seus familiares e ampliados a partir da experiência vivida e sentida, de sua necessidade e da relação que ele estabeleceu com a natureza e o meio à sua volta.

5 TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM QUILOMBOLA

Neste texto, aborda-se a história de vida de José Atanázio (o qual chamaremos de Mestre Juca), quilombola da comunidade do Chumbo, a partir de sua própria narrativa, que busca trazer a sua trajetória de vida, as lutas que foram enfrentadas por ele (com ou sem discriminação) e toda a bagagem que o fez artesão.

Nesse sentido, buscamos evidenciar a força e a persistência desse ancião, que, mesmo diante de tantas negações, é protagonista de sua própria vida ao compartilhar seus saberes e reinventar a sua história.

Suas bagagens se ampliaram consideravelmente a partir da participação nos movimentos sociais negros, que, além de contar com outras histórias do povo negro, deu base para o empoderamento e a reconstrução positiva de si mesmo como sujeito de direitos, os seus sonhos e a sua participação social.



José Atanázio de Lima tem atualmente 74 anos e é filho da comunidade do Chumbo. Caçula de quatorze irmãos, sendo o único vivo. Homem negro, casado há 50 anos com Ana Luiza de Almeida Lima (professora aposentada), pai de quatro filhos, sendo duas mulheres e dois homens. É um ancião de muitas lembranças, as quais narra com muito orgulho.

A infância de Mestre Juca, como é atualmente conhecido, foi marcado por muitas negações: escola, saúde, moradia, lazer e tantas outras. Sobre a infância, ele pouco mencionou, apenas se lembrou de que, por ser o filho caçula, a responsabilidade de cuidar dele era dividida entre a mãe e a irmã mais velha, chamada Maria Braulina, mais conhecida como Maricota:

Eu era muito apegado com minha irmã. Ela buscava água na cabeça me carregando na cintura. Eu tinha uma camisa que tinha o desenho de uma lebre na frente, eu a tirava apenas para tomar banho e queria colocar de novo, mas, às vezes, ela tomava de mim pra lavar e, enquanto ela lavava, eu chorava até que ela ficasse seca pra poder vestir de novo. E eu ficava chorando, falando assim: “eu quero minha camisa de lebre!”. Ela era sempre muito paciente comigo, até comida ela me dava na boca, sendo que eu já tava grandinho. Lembro que eu pedia: “descome” eu, Maria, e enquanto ela não colocava a comida em minha boca, eu não parava de pedir (grifo nosso).

Essas palavras ditas com saudosismo nos fazem lembrar do que Castilho (2008) aponta, em sua pesquisa, no que diz respeito à função da educação dos filhos quilombolas, em que todos do entorno contribuem nesse ato, ou seja, não somente os pais e as mães possuem essa preocupação, mas, até mesmo, os irmãos mais velhos têm essa obrigação de contribuir com esse processo.

Com relação aos pais, ele se lembrou da aspereza do pai com a mãe, mas, ao mesmo tempo, do acolhimento que tinha com todos que chegavam à sua casa, sendo que esta era muito simples, construída de pau a pique, no entanto com abundância de produtos da agricultura familiar como milho, mandioca, arroz, feijão, abóbora e banana.

A família tinha a tradição de acolher as pessoas que andavam tirando esmolas com bandeiras de santo vindas das comunidades dos arredores. Essas pessoas ficavam por semanas alojados, comendo e bebendo gratuitamente na casa de seu pai Sebastião Metelo, como era popularmente conhecido.

Da mãe, Mestre Juca se lembra de como era uma mulher muito forte, paciente, humilde e trabalhadeira, mas que não era muito de falar. Ela tratava as pessoas sempre com muito carinho e, além de se dedicar aos serviços domésticos, auxiliava nos roçados da família.

Sua vida escolar se iniciou aos 5 anos, em um barracão em sua própria casa, onde funcionava uma sala multisseriada para atender às crianças da comunidade. Essa sala nasceu do anseio de seu pai, que buscou parceria com o prefeito daquela época, Justino Francisco da



Silva, da cidade de Poconé, de onde eram munícipes. Nesse acordo, a Secretaria do município entrou com o contrato da professora e o senhor Sebastião, com o espaço onde funcionaria a escola.

A partir dessa fala é possível perceber, mais uma vez, a luta do povo negro por ascensão, pois seu pai tinha a consciência da importância da educação escolar para seus filhos e filhas, apesar de não a possuir. Mais que isso, por saber que a implementação lhe podia ser negada, como sempre fora, ele solicitou a escola já oferecendo o espaço, ainda que não tivesse condições, porque tinha o desejo de que seus filhos, filhas, netos e netas aprendessem a ler e a escrever.

Durante esse processo de escolarização, Mestre Juca tinha deveres paralelos: trabalho com a lavoura, que também começou cedo, aos 7 anos, e a escola. Seu pai pedia tarefas em metragem na roça para que carpisse, plantasse ou desenvolvesse qualquer atividade antes de ir à aula. Segundo seu Juca, ele e os irmãos se levantavam muito cedo para poder dar conta de todos os afazeres, porém essa lembrança não lhe causava tristeza, muito pelo contrário, ele se recorda, inclusive, da abundância que havia em suas roças:

Ah! Nossa vida num teve moleza, papai era rígido. Antes de ir pra escola, nós tinha que cumprir tarefa, se não num ia. A roça era grande, tinha de tudo: arrozal que ia de tudo, bem verdinho! Tinha feijão, milho, mandioca. E nós tinha gado também e eu aprendi cedo a tirar leite das vaca. Inclusive, teve só um irmão meu mais véio do que eu que aprendeu. Depois que papai ficou cego, quando não era meu irmão, era eu que tirava leite pra todo mundo. Então, ele midia a tarefa e nós cumpria tudo certinho pra podê ir pra escola.

A história de vida de seu Juca assemelha-se à história de vida de outros quilombolas da comunidade. No seio familiar, a vida foi submetida a inúmeros desafios, que se iniciaram na infância, perdurando na juventude, na vida adulta, até os dias atuais. Foram situações de pobreza, trabalho infantil e ausências, desde o básico, como vestimentas, brinquedos e lazer, até as essenciais: escola, saúde, entre outros. Todas essas ausências foram apontadas por Castilho e Pereira (2018) quando pesquisaram a história de vida de uma mulher quilombola na mesma comunidade do Chumbo.

Tais negações fizeram com que seu Juca concluísse apenas o ensino fundamental I. Essa descontinuidade é sentida pelo ancião, que respira fundo ao dizer: *Ah! Se eu tivesse oportunidade de estudar, eu era um grande homem!* Essa fala marca uma consciência de si e de suas potencialidades ou, melhor dizendo, do povo negro, que, apesar de tantas negações, possui consciência de que se as oportunidades não lhe fossem negadas, haveria hoje uma história bem mais bonita para ser contada.



Essas narrativas de consciência feitas pelo participante demonstram o que Freire (2011) afirmou quando o sujeito problematiza a educação e a entende de fato. Ele não se deixa mais ser tratado como coisa, como objeto, muito pelo contrário, ele quer ser o construtor de sua própria história.

6 AS TRANSFORMAÇÕES QUE FIZERAM E FAZEM HISTÓRIA: SEU JUCA ARTESÃO

Para o povo negro quilombola, a sobrevivência foi algo realizado a partir de muitos esforços, nos quais o trabalho bruto, de força braçal, era a principal atividade. Assim, na vida de seu Juca não foi diferente, pois, além de crescer no trabalho da lavoura, depois de casado, após perder as terras (espaços de plantação e de sobrevivência até então), trabalhou em fazendas circunvizinhas como vaqueiro, fez curso, lidou com a castração e a vacinação de gado e foi fiscal na lavoura de cana-de-açúcar, na destilaria de álcool que já existiu na comunidade.

A história do artesanato na vida de seu Juca se iniciou a partir de sua curiosidade em observar os mais velhos à sua volta, nas palavras de Brandão (2003); do conhecimento da aldeia; do conhecimento que se faz com base na prática e da experiência concreta. Nesses moldes, seu Juca aprendeu os mais diversos saberes, os quais pratica até hoje nas confecções de: bainha de faca, colher de pau, viola de cocho, laço de vaqueiro, apá, peneira de bambu, baqueti, entre outros, porém os lucros nunca foram o objetivo dessas construções, uma vez que todos eram feitos gratuitamente àqueles que o procuravam.

Atualmente, a viola de cocho e a colher de pau são as mais pedidas, e o seu Juca cobra um valor específico para fazê-las. Os conhecimentos adquiridos para conseguir realizar todas essas produções se deram por meio da observação de seu pai, de seu irmão Abel e de alguns anciões da comunidade, com exceção da viola de cocho, que, segundo ele, começou a fazer mais recentemente por insistência de um amigo, um cururueiro, o qual, por conhecer suas habilidades, apostou em sua criatividade para essa construção.

A partir desse incentivo, ele decidiu iniciar a confecção com base nos conhecimentos que já tinha para selecionar a madeira. Após isso, os primeiros cortes foram feitos, ele a desenhava seguindo o tamanho da sua viola, já que é cururueiro, e, com o machado, foi construindo pouco a pouco até finalizá-la.

A matéria-prima utilizada nessas construções é retirada da natureza, porém de maneira sustentável, ou seja, há todo um cuidado para não estragar a planta, conforme seu relato:

Tem que ter cuidado para a retirada, tem que ser na lua minguante e as madeiras também não é qualquer uma. Eu uso a chimbuva para fazer a viola e a colher de pau, mas a tampa da viola tem que ser de raiz da figueira. Essa raiz a gente tira com cuidado



daquelas parte que fica exposto e nunca prejudicou a árvore. Pra fazer o ganzá, o apá e a peneira, a gente usa a taquara, nós chama de taquara, mas tem gente que fala bambu e tudo a gente tira da natureza, sem ofender ela.

Todo o conhecimento produzido por Mestre Juca se caracteriza pelo que diz Teixeira et al. (2011, p. 158):

O artesanato produzido não só reflete o autorreconhecimento de uma comunidade quilombola, mas também se constitui um fator de identificação de outras pessoas que estão fora da comunidade. É o olhar dos outros convergindo para a construção da identidade. Esta, então, é considerada como uma referência em torno da qual o indivíduo se autorreconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir da sua relação com o outro.

Nesse viés, entendemos que a pesquisa compõe esse olhar de fora para dentro, que dá visibilidade a esses saberes existentes dentro de tais comunidades, contribuindo, dessa maneira, para o fortalecimento dessas identidades, para a discussão da importância desses conhecimentos e para o reconhecimento das várias maneiras de se resistir e existir desses povos.

Ao dialogar sobre esses saberes, é possível perceber a tamanha alegria que seu Juca sente ao ver as pessoas valorizarem suas produções. Essa valorização inicia dentro de casa, a partir do incentivo das filhas e dos filhos para que ele produza, sem contar que a utilização de tais ferramentas no dia a dia. Seu Juca fala com satisfação da procura que há em suas produções:

Meus “artigos” vão por muitos lugares. Aqui em casa, chegam pedindo pra mim fazer emendas de laços, bainha de faca e eu tenho feito muitas violas. Minhas violas têm até pra fora do estado. As pessoas vêm aqui istudá e ficam sabendo que eu faço aí, já encomendam, com isso, a notícia vai andano. As minhas violas são feito só artesanal, tudo o que eu uso é na mão com o machado, a cunha, a lixa. As que são feitas na cidade e que estão na loja não são igual a minha porque usam ferramentas modernas e a minha não, é tudo na força do braço e das ferramentas caseiras, por isso que é diferente. É artesanal.

Essa fala nos remete à importância dos trabalhos realizados pelas ciências sociais, pois esses estudiosos saem de dentro das universidades e vão às comunidades, contribuindo com o autorreconhecimento, autoidentificação e autovalorização por parte, principalmente, dos anciões. Esse fazer ciência torna-se, na verdade, uma via de mão dupla, em que as comunidades contribuem com seus saberes e a universidade, com os conhecimentos científicos, que hoje reforçam o que estudiosos como Paulo Freire (2011), Carlos Rodrigues Brandão (2003) e seus seguidores acreditam: nenhum conhecimento é mais ou melhor que o outro.

É importante salientar que, atualmente, após tantos anos de trabalho duro na roça, desenvolvendo as mais diversas funções para poder sustentar a família, o artesanato fabricado por seu Juca simboliza um fazer por orgulho, para mostrar sua capacidade, sua vivacidade e sua resistência, já que ele é aposentado e vive desse salário da aposentadoria juntamente com o da sua esposa, que também é aposentada. Dessa forma, o fazer artesanato pode ser considerado



uma maneira de continuar a história, de fazer história e de contribuir com a história. Trata-se de um gesto de resistência e de ser visto, lembrado e referenciado.

Essa história não difere das experiências vivenciadas pelos demais povos negros quilombolas, que são marcadas por uma série de negações, de trajetórias difíceis e cheias de desafios, mas que, ao mesmo tempo, são caracterizadas pela força tamanha que os fez chegar até aqui e que os faz continuar lutando, contando, vivendo e refazendo suas histórias.

7 CONCLUSÃO

O presente texto objetivou realizar as narrativas da história de vida de seu José Atanázio de Lima, enfatizando algumas das diversas estratégias que o povo negro quilombola utilizou para resistir. Esses povos foram marcados por muita exclusão. As negações foram e continuam muito presentes nessas comunidades, por isso é preciso que haja uma continuidade de constância de lutas pelo reconhecimento de sua contribuição para a formação desse país e para que se tenha uma qualidade de vida dentro dos quilombos, mas essa é uma árdua tarefa que demanda a mesma força e coragem dos tempos vividos.

Os diversos saberes existentes nesses espaços caracterizam um forte aliado nessa busca por qualidade de vida para essas pessoas, pois tais conhecimentos foram utilizados para suas sobrevivências desde a época da escravização, passando de geração para geração e fazendo resistência até os dias atuais.

É preciso que haja esses olhares e que os saberes existentes nessas comunidades sejam realmente colocados em evidência, pois os quilombolas continuam sem as políticas públicas que garantem escolarização de qualidade, bem-estar social, saúde, segurança, lazer e moradia, que são direitos fundamentais básicos. É por isso que pesquisas como esta se tornam imprescindíveis, pois, por meio delas, essas histórias se tornam conhecidas, saindo do silenciamento onde estavam e que continuariam se não houvesse tais espaços.

As lutas desses povos se unem à pesquisa como uma forma de fazer eco a essas vozes, tornando possível demonstrar a ousadia, a resistência, a luta e todo o sofrimento vivido por um povo que fora excluído e, ainda hoje, é esquecido devido à cor de sua pele e aos seus fenótipos afrodescendentes. Por fim, a pesquisa permite apresentar outras histórias de vida que foram e continuam sendo fundamentais para a continuidade de todo um povo.



AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Mato Grosso, por meio do Programa de Pós-Graduação em Ensino; ao professor Dr. Ronaldo Senra; aos integrantes do Grupo de Estudos em Educação Ambiental e Educação Campesina do IFMT (GEAC/IFMT) e a todos que integram a comunidade do Chumbo de Poconé (MT), na pessoa de Mestre Juca.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Quilombo contemporâneo: educação, família e culturas**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

CASTILHO, Suely Dulce de; PEREIRA, Luciano da Silva. Trajetória de vida e estratégia de superação de uma professora do Quilombo Chumbo – Poconé-MT. **Rev. Educ. Pública Cuiabá**, v. 27, n. 65/2, p. 591–611, maio/ago. 2018.

CASTILHO, Sueli Dulce de; SILVA, Rosângela de Campos. Os etnosaberes quilombolas sobre o uso das plantas medicinais no contexto escolar em turma da EJA. *Revista Cocar*, v. 16, n. 34, p. 1–19, 2022.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 1. ed. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: UDUFU, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MOURA, Glória. **Proposta pedagógica educação quilombola: a afirmação da identidade nas comunidades negras rurais passa pelo valor da terra e pela especificidade de suas expressões culturais**. Salto para o Futuro, MEC, 2007.

NETO, Clemilda Santiago. Prática artesanal, identidade e cultura nas comunidades de remanescentes de quilombos do paraná. **Harpia -Revista de Divulgação Científica e Cultural do Isulpar**, v.1, n. 6, dezembro/2016. ISSN: 2179-4073.

SALDANHA, Mayara de Araújo; LARA, Isabel Cristina Machado de. **Etnociência: Um olhar sobre os saberes tradicionais da pesca artesanal**. Sección 3. Aspectos socioepistemológicos en el análisis y el rediseño del discurso matemático escolar. Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, Ano V, n. 10, 1º semestre de 2002.



TEIXEIRA, Marcelo Geraldo; BRAGA, Julio Santana; CÉSAR, Sandro Fábio; KIPERSTOK, Asher. Artesanato e desenvolvimento local: o caso da Comunidade Quilombola de Giral Grande, Bahia. **Revista Interações**, Campo Grande, v. 12, n. 2, p. 149–159, jul./dez. 2011.